1 – *Minha Vida É Um Livro Aberto (Biografia)*
Isaac Soares de Souza

***ISAAC (Nome que significa "O QUE RI", em Hebraico) e cujo significado não condiz com a verdade, pois não há no mundo sujeito mais triste e desprovido de senso de riso do que eu. "Triste de quem é feliz", já dizia Fernando Pessoa.**

Minhas Memórias



João Soares de Souza, meu pai, viu a luz do lugar em que nasceu aos 7 de outubro de 1926 no município de João Alfredo, Estado de Pernambuco. Filho de João Cavalcante de Souza e da professora Maria da Luz da Conceição, meu pai possuía sangue holandês. De baixa

estatura, 1,64, meu pai foi se alistar no serviço militar em 1958, ano em que eu nasci, já residindo no Estado de São Paulo, em Pompéia-SP. O município de João Alfredo, na década de 1926, não oferecia aos alfredenses nenhuma saída que não fosse a lavra da terra. Hoje a cidade conta com 33.563 habitantes e o município esvai-se numa área de 139.870 km² e pouco progresso alcançou, desde então. Meu pai, muito cedo começou a lavrar a terra e aos 12 anos saiu de casa e foi morar sozinho no meio do mato, numa casinha caindo aos pedaços. Cuja miséria ultrapassava os limites da pobreza. Conforme dizia minha mãe, meu pai teve uma única irmã. Minha avó era negra e não se importava muito com os filhos. Meu pai nasceu de uma aventura amorosa de minha vó com o descendente de holandês João Cavalcante de Souza, latifundiário e aventureiro. Minha mãe contava que meu pai foi atacado por uma moléstia que quase o levou a morte. Seu corpo foi todo invadido por furúnculos negros e meu pai por pouco não morreu ainda jovem. Dizia minha mãe que meu pai também era assombrado por espíritos e que passou por uma fase que quase o levou à loucura. Aconselhado e assistido por evangélicos, depois de recuperado e curado, decidiu virar evangélico e mudar-se daquele sertão pernambucano para o Estado de São Paulo. Sua única irmã já morava por aqui, mais precisamente na região de Marília e o havia aconselhado a se transferir para São Paulo, aonde a vida era melhor e as oportunidades de se aboletar em qualquer fazenda cafeeira era o mais aconselhável para quem descia do Nordeste. Meu pai e minha mãe, mais uma irmã minha, adotada desde o nascimento e registrada em nome de

meus pais, vieram para São Paulo no dorso de um pau de arara e depois de rodarem por vários dias vieram dar com os costados na cidade de Marília, isso lá pelos anos de 1950. A vida dos meus pais sempre foi carcomida pela pobreza, mas houve um tempo, pouco antes de eu nascer, que meu pai arrendou uma fazenda de café em Pompéia, no Distrito de Paulópolis e a vida teve uma mudança brusca, os tempos de miséria já tinham sido esquecidos, responsável pelas plantações e pelo cafezal em flor, meu pai tinha sob o comando dele, inúmeros bóias-frias, que cuidavam das plantações, animais e da colheita do café. Entretanto, a fartura não durou muito tempo, pois, segundo palavras de minha mãe, meu pai era um homem bom demais e ele pagava aos lavradores e colhedores de café, contratados por ele, salários altos para a época, bem mais gordos do que os salários de toda região, cujos fazendeiros exploravam, como sempre o fazem, os coitados e miseráveis lavradores. Em 6 de setembro de 1958, eu nasci e então, meus pais se mudaram para a cidade de Ibitinga-SP, cidade que hoje é conhecida nacionalmente como A Capital Nacional do Bordado. Em Ibitinga, meu pai me registrou no Cartório local, com data de nascimento diferente. Fui dado como nascido em 6 de outubro de 1958, durante a mudança, meus pais perderam meu Registro de Nascimento original. Passei minha adolescência e até uma parte da vida adulta somando problemas devido à data de nascimento registrada de forma errônea, até que, já contando com mais de 50 anos de idade, decidi correr atrás do prejuízo e refazer meus documentos pessoais com as datas todas originais e corretas. Dizia minha mãe, que meu pai era um

homem de coração aberto para auxiliar a quem necessitasse, sempre pronto para socorrer quem dele pedisse qualquer casa, mas em casa, com os filhos e a esposa, meu pai foi sempre um homem duro, áspero e violento. Quem ousasse contrariar suas ordens, estava perdido. Ele nos aplicava surras indizíveis e, caso minha mãe interferisse, quando eu ou um dos meus irmãos estivesse sendo corrigido, meu pai batia até nela, sem piedade. Ele não admitia a ideia de ser contestado. Em Ibitinga, meu pai passou a trabalhar, além da Igreja Assembléia de Deus, na qual ele congregava e era presbítero, a tomar conta de granjas. Na época, em Ibitinga existiam inúmeras granjas, que não seguiam o método das granjas atuais, que engordam com ração os pintos e depois de 45 dias abatem todos eles para o consumo humano de carne de aves. Naquela época as granjas criavam as aves para depois recolher os ovos e vende-los para a indústria de alimentos diversos. Minha mãe, coitada, analfabeta e sempre servil, sofreu horrores nas mãos de meu pai.



5 – *Minha Vida É Um Livro Aberto (Biografia)*
Isaac Soares de Souza

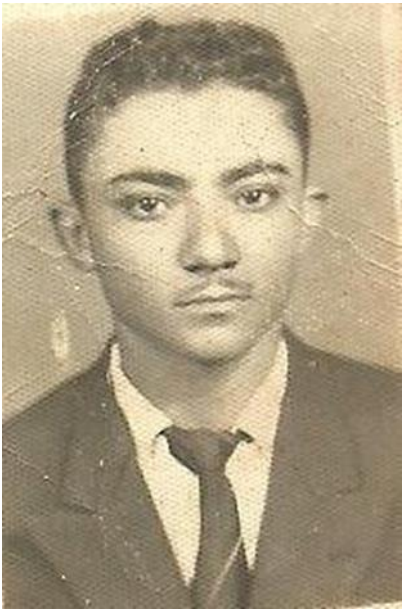
(Vista aérea da cidade de João Alfredo-PE)



(João Soares de Souza, faleceu em 1998, familiares o chamavam de Joca)

Irmãos de minha mãe:

6 – *Minha Vida É Um Livro Aberto (Biografia)*
Isaac Soares de Souza



(Assis Firmino da Silva)

(Inácia Maria da Conceição)

Minha mãe:



(Maria José de Souza, chamada pela família de Tibia)

Meus pais são naturais do Estado de Pernambuco e tenho um apreço muito grande pela cultura nordestina. Não conheço o Nordeste e principalmente o Estado de Pernambuco, que sonho conhecer, mas cujo sonho ainda não pude realizar.

Minha mãe, aos 89 anos de idade, ano em que faleceu, nunca mais teve contato com sua família que residia em Caruaru. Já bem doente e em idade avançada, minha mãe sonhava localizar alguém ainda vivo de sua família. O nome de solteira da minha mãe era Maria José Firmino da Silva, mais conhecida entre os parentes na

época em que vivia aí em Caruaru como TIBIA, esse era o apelido da minha mãe.

Depois que se casou com meu pai, João Soares de Souza, no Cartório de Caruaru, passou a chamar-se Maria José de Souza. Meu pai e minha mãe oficializaram o divórcio e toda a papelada deste litígio matrimonial, ocorrido há mais de 20 anos, estão ainda no Cartório de Caruaru. Meu pai, João Soares de Souza faleceu em 1997. Minha mãe teve 3 irmãos: Ignácia Maria da Conceição, Ana Maria da Conceição e Assis Francisco da Silva. Este irmão de minha mãe, Assis Firmino da Silva, segundo informações que minha mãe teve há muitos anos atrás, também veio para o Estado de São Paulo e morou durante um tempo na região de Santos-SP e ninguém sabe se ele ainda vive por lá, se faleceu ou se voltou para Caruaru.

Os pais de minha mãe chamavam-se José Firmino da Silva e Maria Antonia da Conceição. Há muitos anos atrás, diz minha mãe, que minha avó Maria Antonia da Conceição matou meu avô José Firmino da Silva envenenado e permaneceu presa durante um tempo em Caruaru ou Bezerros. Mas não sabemos se esta estória é real. Dizia minha mãe, quando ainda era viva e antes de ser acometida pelo mal de Alzheimer, que a mãe dela, ao envenenar o marido, fora presa pelo Tenente Bezerra, o mesmo que arquitetou a emboscada ao bando de Virgolino Ferreira, o Lampião. Minha mãe afirmava que, a violência com que o Tenente Bezerra tratava seus prisioneiros era inadmissível, mesmo naquela longínqua década, em que a violência policial era coisa corriqueira e mais tenebrosa do que é a violência da polícia militar

nos dias atuais. Depois que meu pai saiu de casa para nunca mais voltar, minha mãe quase enlouqueceu. A fome se abateu sobre nós, ninguém trabalhava na época, na cidade não havia trabalho, éramos jovens entre 14 e 16 anos. Logo meu pai veio e levou com ele minha irmã. Minha mãe desesperada, começou a ir trabalhar na lavoura para abastecer a casa de alimentos parcos. Eu e meus irmãos ficamos perdidos com a saída de meu pai de casa. Não éramos personas bem quistas na cidade, porque contestávamos tudo. Eu não era muito chegado ao trabalho, odiava estar sob ordens e achava o salário pago mensalmente aos trabalhadores, um crime, salário de miséria e afronta ao ser humano, então preferia passar fome a servir de capacho. Se fosse para trabalhar feito um burro e ainda assim, passar por dificuldades e enfrentar a cara feia da fome, eu preferia passar fome dormindo e lendo meus livros. Naquela época eu era fanático pelo O Pasquim, gibis do Tarzan, revistas de Fotonovelas, Mandrake, Fantasma, e livros de bolso com estórias de bangue-bangue. Como não trabalhava e nem tinha dinheiro para adquirir meus livros prediletos, eu os tomava emprestados na Biblioteca Municipal e quando podia, comprava livros e revistas e gibis usados de um amigo chamado Paulo, cuja família vivia numa miséria mais doída que a minha e que era catadora de papelão e recicláveis pelas ruas da cidade. Passados alguns anos, minha mãe foi assediada por alguns fazendeiros e gente de posse, alguns desejavam se casar com minha mãe, já que ela estava só há algum tempo, mas todos eles eram enfáticos: não queriam saber da presença nossa, os filhos ela até poderia ajudar, mas ninguém queria assumir minha mãe com três filhos já

quase adolescentes e vagabundos, como diziam. Então, minha mãe os enxotava e nunca quis nada com nenhum deles, porque dizia ela: -Meus filhos são minha fortuna, jamais os abandonaria por causa de homem!

Eu e meus irmãos, Eliezer e Eliseu, éramos taxativos e de uma ignorância machista fora dos padrões, mesmo para a época e dizíamos a minha mãe, que ela até tinha o direito de casar-se novamente e de ser feliz à maneira dela, mas que não contasse mais conosco e não pisasse mais em nossa casa e caso algum homem batesse à porta à procura dela, nós o arrebentaríamos na porrada. Nós jamais cometeríamos ato tão violento, eram somente ameaças de jovens bobos e que ainda tinham esperança do retorno de meu pai para casa. Nós sabíamos que minha mãe era uma mulher de uma pureza ímpar, digna, tanto quanto sabemos, minha mãe jamais se interessou por outro homem e morreu pura como ela acreditava ser o papel de uma mulher casada, a eterna dedicação ao marido, mesmo depois de abandonada, a mulher devia fidelidade ao marido. Ao sair de casa para viver maritalmente com outra mulher, meu pai foi inquirido pela cúpula da Igreja e foi alertado de que, separado de minha mãe e vivendo com outra mulher, estaria fadado à exclusão do corpo de membros da igreja, pois, biblicamente, teria praticado o adultério, pecado condenado pela religião e que ele deveria, imediatamente retornar para casa e se reconciliar com minha mãe, pois vivi em pecado. Meu pai retornou para uma conversa séria com mamãe, queria voltar e refazer a vida porque ele temia o castigo divino. Eu fiz o que estava ao meu alcance para que meu pai voltasse, no entanto, minha mãe, bastante magoada, não aceitou a

volta de meu pai para casa e não o perdoou. Meu pai, então, granjeou o perdão da igreja e teve autorização para casar-se com a pessoa que já vivia maritalmente com ele. E minha mãe permaneceu assim até a morte. Quando meu pai faleceu, décadas depois de abandoná-la e a nós, minha mãe foi ao velório de meu pai e disse: A partir de hoje eu sou viúva! Sou uma mulher livre e desimpedida. E permaneceu viúva até sua morte em 2019.

Sempre, desde muito criança, eu contestava tudo: O Sistema escravista, o trabalho escravo, salários miseráveis, patrões exploradores, Deus e todas as religiões e seitas, o mundo para mim era um inferno. Eu trabalhava apenas alguns dias ou semanas, juntava um bocado de dinheiro e nunca mais aparecia no trabalho para dar nenhuma satisfação, trabalhava algum tempo apenas para comprar roupas e calçados, para comprar livros e discos e gibis e depois atravessava entre 6 meses a 1 ano tranquilo, sem me preocupar com a vida. Por esse instinto de liberdade e de não pertencer à sociedade e nem seguir nenhum padrão social, eu e meus irmãos éramos considerados loucos e influência negativa para os amigos. Mas sempre tivemos muita sorte, tínhamos muitos amigos, pobres, miseráveis e muitos amigos de famílias tradicionais e riquíssimas, algumas nos abominavam, outras nos adoravam. Nossos amigos riquinhos, frequentavam nossa humilde casa de dois cômodos todos os dias e alguns deram muito trabalho aos pais porque queriam de toda maneira morar conosco. Diziam eles que, não importava a pobreza e a fome, o que eles mais almejavam era a forma livre de pensar e de agir que nós sempre tivemos. Eles adoravam

se reunir conosco e ouvir nossas loucas ideias a respeito da sociedade porca e hipócrita, falar sobre a ditadura nojenta que extirpava nossos pensares e nossa liberdade. Na época existia um gibi que era febre entre a molecada, principalmente entre os pobres, chamado RIQUINHO. Eu colecionava esse gibi e sonhava ser igual ao Riquinho. Riquinho era um garoto filho de pais bilionários e ele tinha de tudo o que sonhava e desejava. Era uma viagem ao mundo da fortuna. Até que eu conheci na escola um garoto chamado Ricardo, idêntico ao Riquinho e nossa amizade aflorou de maneira tão forte, que um dia Ricardo me convidou para ir com ele até sua casa após a aula. Quando o chofer encostou em frente à escola para buscar Ricardo, num carrão elegante, que deixava todas as crianças boquiabertas, o menino me chamou para seguir com ele. Foi um sonho realizado. Ao chegar na vila em que morava Ricardo, meus olhos esbugalhados não desgrudaram mais do luxo e da beleza que era o local. Uma imensa mansão, idêntica à de Riquinho, com um enorme lago de águas límpidas bem em frente ao casarão e várias piscinas de todos os tamanhos e profundidades, tinha piscina de água quente. Eu nunca tinha visto flamingos, nem sabia que existiam e o quanto davam a um lugar a aparência de elegância e realeza. Ricardo, de família riquíssima, estudava em escola estadual, na mesma escola em que eu estudava. Eu não entendia como aquele garoto podre de rico podia estar numa escola pobre daquela, mas na época as escolas estaduais e municipais eram escolas de gabarito e de excelente aprendizado, diferentes das escolas atuais. Mas Ricardo nem terminou o primário e foi transferido para uma escola de gente rica e nossa

amizade perdeu o tino e nunca mais nos encontramos novamente. As meninas fugiam de mim como o Diabo foge da cruz, eu tinha fama de doido, vagabundo, exercia influência negativa em quem quer que se aproximasse de mim. Mas a verdade era que eu, afoito e sabedor de todas as coisas, tinha instinto sexual fora de controle, que não se amoldava àqueles tempos negros de tabus e de que a mulher tinha de permanecer virgem até o casamento. Quando eu conseguia despertar o interesse de alguma garota, que desavisada se aproximava de mim, no primeiro encontro e no primeiro beijo, eu investia com tudo, enfiava as mãos em lugares intocáveis e imediatamente já tentava comer a garota, que apavorada, desaparecia e nunca mais olhava na minha cara. Algumas deixavam que eu explorasse seus corpos, seios, mas não permitiam que as possuísse, então, eu enraivecido e inconformado diante da recusa do prazer e do sexo, passava grandes períodos sem namorar. Sexo era somente com prostitutas e as casas de prostituição pululavam por todas as cidades, no entanto, menores de idade se flagrados na zona do baixo meretrício, eram conduzidos à presença do delegado local e do juizado de menores, os pais eram intimados e a gente flagrada nesses lodaçais do sexo barato e livre, morria de vergonha dos pais e da sociedade. Mas existiam pais mais avançados na época, que conduziam os filhos à zona para serem desvirginados por alguma puta e assim, se tornarem homens, o que nem em sonho ou utopia, eu poderia esperar que meu pai realizasse. A masturbação era frequente, batendo punheta diariamente, a gente podia foder todas as meninas e mulheres com as quais sonhávamos. Mas a masturbação

também era condenada pela igreja e pela sociedade, até a medicina condenava a masturbação, afirmavam muitos imbecis de carteirinha, que a constante batida de punheta, fazia com que crescesse pelos na palma das mãos, que o peito crescia e deixava o jovem com trejeitos de bicha ou de mulher. Mas eu nunca acreditei nessas baboseiras, eu sabia que o sexo era uma coisa natural e que o desejo sexual e fazer com que a mulher gozasse até pela orelha, era coisa divina, natural e um direito que não deveria nunca ser reprimido. Levado por todas essas insanidades, cresci um jovem tímido a extremo, eu morria de vergonha até mesmo de conversar com uma garota. Me retraí e mesmo quando alguma garota mandava bilhetes ou recados para mim através de alguém conhecido, eu fingia que não me importava ou que não gostava da pessoa, mas era por pura timidez. Naquela época os garotos desafogavam o tesão comendo a bunda de algum coleguinha. Era a moda da época. Até mesmo as novelas transmitidas diariamente pela TV, eram proibidas para menores, eu me lembro que, todos os dias eu saia de casa e me postava em frente à casa de um vizinho que ficava do outro lado da rua para assistir as novelas da época e vez em quando as portas das casas eram fechadas na minha cara. Lembro-me de uma novela da época em que contracenavam o cantor e compositor Antônio Marcos e a cantora Vanusa, não me recordo qual era a novela e nem em que canal passava, mas, tenho recordação de que foi uma novela que causou polêmica e críticas acirradas de todos os meios sociais e religiosos. O cantor Antônio Marcos e a cantora Vanusa iniciaram um romance entre eles e decidiram morar juntos sem um

casamento oficial, foi um escândalo nacional e a partir de então, crianças e jovens, foram proibidas de assistir a tal novela. Tudo era escândalo, a vida era vigiada, mas tinha-se maneiras de ludibriar a vigilância cega dos pais e da sociedade. Eu saia pela tangente e sempre criava uma forma de passar em brancas nuvens e enganava a todos. Meu pai, apesar de ser um homem duro e controlador e sem contar o fato de que o filho que mais apanhou e era constantemente vilipendiado, meu pai me chamava de Jacó, porque me considerava um mentiroso e enganador e assim como Jacó roubou a primogenitura do próprio irmão, meu pai acreditava que eu seria um grande estorvo para a família e para a sociedade. Mas eu amava meu pai sobremaneira, o tinha como ídolo e herói, eu sabia que ele era violento por ter sido criado só e que em sua época, as coisas eram como eram, puro atraso e tudo era resolvido com surras violentas, época em filho nenhum contestava e nem desobedecia às ordens dos pais. Mas eu sentia que meu amava a todos nós, porque logo após levar uma surra doentia, eu vislumbrava na face de meu pai um arrependimento que o perturbava. Meu pai conversava muito comigo, eu sabia, por exemplo, que ele nos abandonaria anos depois, pois ele me confidenciava tudo. Acredito que herdei de meu pai a revolta contra a vida de quem nada possui, da escravidão trabalhista, da fome e da miséria, mas eu admirava muito em meu pai a sua coragem, valentia e honra. Sua bondade para com os outros que viviam em situação mais tenebrosa que a nossa, mesmo sem possuir nenhuma condição, me pai socorria as pessoas necessitadas com dinheiro, alimentos e roupas. Sua honestidade era aclamada. Me recordo de que

muitas vezes eu presenciava discussões ferozes entre meu pai e minha mãe, quando nada tínhamos para comer e meu pai à frente de uma igreja, não tirava um único centavo do montante de dízimo que havia no caixa da igreja para nos alimentar. Meu pai enlouquecia e dizia que, se fosse para morrer de fome, que morrêssemos todos, mas que do dízimo ele jamais tiraria uma só moeda. E assim ele agia, dizia que Deus logo proveria nosso alimento e, por incrível que possa parecer, logo aparecia a solução e os alimentos caiam do céu, sempre algum amigo de meu pai mais abastado e também evangélico, surgia do nada e o abastecia de tudo o que necessitávamos. Meu pai também não aceitava ser explorado por patrões escravocratas e bandidos. Me lembro de que, uma vez, meu pai estava desempregado há meses e nossa situação a ponto de nos matar de fome, não havia esperança para aplacar a fome. Do nada apareceu uma proposta de trabalho para meu pai. Naqueles dias houvera chovido tanto na cidade em que morávamos, chuva torrencial, chovia pedra e ventos fortíssimos fustigara a cidade, causando enchentes que arrasaram ruas e derrubaram casas, árvores e alguns pontos da cidade estavam cobertos de lama e entulhos, bueiros entupidos, um verdadeiro caos. No centro da cidade, um bueiro cobria um boi que houvera morrido fulminado por um raio e arrastado pela enxurrada, foi parar dentro de um bueiro, ali o boi apodreceu e todo inchado, fedia e incomodava as pessoas. A Prefeitura local, ao vivo na rádio da cidade anunciou a contratação de trabalhadores para ajudarem, temporariamente na limpeza da cidade e principalmente do referido bueiro. Imediatamente, meu pai apresentou-se e foi contratado,

mas ao sair no dia seguinte para o seu novo trabalho, quando ele chegou ao local em que o boi estava a ponto de explodir tamanho o inchaço em que se encontrava seu corpo e da quantidade de vermes que já invadia a rua, recebeu ordem do chefe que havia conduzido os novos contratados para o local, meu pai saltou do caminhão de propriedade da Prefeitura e com os outros trabalhadores aproximou-se do bueiro. Não foram oferecidos aos trabalhadores para a realização daquele nojento trabalho, nenhum par de botas, nem luvas e nem máscaras, eles seriam obrigados a pisar naquele antro de carniça e de vermes com seus parcos calçados e seriam obrigados a meter as mãos na carniça para conseguirem amarrar uma corda nas pernas traseiras do boi e arrancá-lo do bueiro. Meu pai, quase aos vômitos, imediatamente recusou-se a obedecer às ordens e contestou, dizendo que mesmo que morresse de fome, não se sujeitaria àquela façanha criminosa, porque eles tinham direito à proteção e ao uso de luvas e de máscaras e botas próprias para aquele tipo de serviço. Resultado: Foi demitido na hora. Ao chegar de volta à casa, meu pai foi recebido com xingamentos e ofensas vociferadas por minha mãe, que o acusava de não querer trabalhar, que os filhos morreriam de fome, que ele deveria suportar tudo por causa dos filhos. Meu pai feito um louco e para não socar a cara de minha mãe, saiu cuspindo fogo e só retornou à noite e com outro trabalho arranjado por ele. Nesse dia eu aplaudi a ação de meu pai, eu também jamais faria aquele trabalho sem contar com nenhuma proteção e por uma diária de fome. E eu segui à risca a verve não escrava de meu pai, pois toda vez que eu conseguia um trabalho, jamais permitia que

o patrão me castigasse ou me desse horários e acúmulos de serviços, abandonava sem falar uma única palavra, qualquer tipo de trabalho que exigisse de mim mais do que eu poderia dar. Desde muito criança, sempre acreditei e vi o trabalho como uma sociedade entre patrão e empregado e não essa coisa escravista que é o trabalho. O patrão possui sócios e não empregados escravizados e maus pagos. Pois o patrão entra nesta sociedade com o financeiro e o empregado com a mão de obra e com a produção, coisas que são as mais importantes em qualquer área trabalhista, pois são a mão de obra e a produção que elevam qualquer empresa ao sucesso e a qualidade daquilo que produz. Quando meu pai nos abandonou, meu mundo caiu, mas eu já sabia há muitos anos que a vida atingiria essa fatal situação, pois meu pai sempre me falava que um dia ele abandonaria tudo para reiniciar sua vida em outro lugar. Meu pai transferiu-se para a cidade de São Carlos-SP e logo depois de nos abandonar, arrumou outra mulher e construiu nova família. Tenho um meio-irmão por parte de pai, que se chama Fabrício de Souza. Mas eu me pergunto sempre: Existe meio-irmão? Ou é irmão ou não é nada, apenas filho de seu pai, mas que não é seu irmão, porque irmão verdadeiro é de sangue do seu pai e da sua mãe, mas, enfim, a vida tem dessas coisas abestalhadas que ninguém entende bem. Meus irmãos verdadeiros, Eliezer, Eliseu e Débora, filhos do meu pai com minha mãe, são meus tesouros maiores, amo-os com devoção. E minha irmã de criação, Maria, pouco temos contato, ela vive bem com sua família, mas a ligação entre nós foi cortada há décadas, o que é uma pena, porque a considero minha irmã verdadeira. Essa

minha irmã de criação, quando menina deu muito trabalho para os meus pais, ela também tinha espírito aventureiro e livre. Contava minha mãe que, certa vez, meu pai lhe tascou uma surra tão violenta, que por pouco não a matou. Ela permaneceu semanas de cama, toda arrebentada e minha a alimentava apenas com caldo de feijão inserido através das narinas de minha irmã. Toda a cúpula da Igreja que meu pai frequentava, reuniu-se para decidir o que poderiam fazer para acabar com a violência de meu pai. Ele poderia ser preso, caso o denunciassem à polícia, então, conivente com a situação, porque entre eles havia também, homens violentos que agrediam esposas e filhos da mesma forma e para evitar um grande escândalo e comoção entre os fiéis, que os tinham como homens de honradez espiritual, decidiu-se que manter aquilo em segredo, seria melhor para todos e para a igreja. Meu pai foi persuadido a manter o controle, mas não foi punido. Após esse fato dantesco, minha irmã de criação foi criada por um amigo do meu pai, que além de membro de uma outra denominação religiosa, fazia parte da equipe que compunha o juizado de menores e era um homem de posses. Daí a razão de termos nos afastado do convívio com essa irmã que fora adotada. Logo minha irmã se casou, teve filhos e hoje aguarda o final da vida e vive até muito bem. Essa minha irmã também teve uma vida cheia de tristeza e dor. O marido dela, homem também rude, era beberrão, alcóolatra e dizem as más línguas, que ele batia em minha irmã. Esse sujeito, cujo apelido era Bolinha, assassinou uma pessoa, mas não foi preso e nem julgado e seu filho assumiu a autoria do crime para livrar o pai da cadeia.